

GUIMARÃES, Carmen Dora. O homossexual visto por entendidos. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

LUIZ MELLO\*

A dissertação de mestrado de Carmen Dora Guimarães finalmente virou livro, 27 anos depois de sua apresentação, em 1977, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. Além de uma homenagem à sua autora, falecida em 2000, a publicação desse livro significa uma contribuição preciosa para a divulgação de um trabalho pioneiro e atual em vários níveis, que é fonte na qual beberam muitos pesquisadores que estudam as sexualidades transgressoras no Brasil contemporâneo, em especial as homossexualidades.

O homossexual visto por entendidos insere-se no conjunto de trabalhos em que se reflete sobre a afirmação de valores individualistas e liberacionistas entre camadas médias urbanas, especialmente no Rio de Janeiro. Quando da elaboração da dissertação, imagino que não tenham sido poucas as barreiras encontradas por Guimarães para o desenvolvimento de sua pesquisa, a começar pela resistência a trabalhos de antropólogos sobre o meio urbano e, particularmente, sobre sexualidades desviantes, como lembra Gilberto Velho no prefácio do livro. Na atualidade, quando o questionamento da heterossexualidade compulsória ainda incomoda acadêmicos, religiosos, políticos e pacatos cidadãos, ao deixar as prateleiras pouco acessíveis de algumas bibliotecas universitárias, a dissertação-livro mostra como uma leitura atenta e instigante da realidade social pode contribuir para que os atores sociais

compreendam o sentido de suas ações, mesmo quando estas são vividas por outros, em tempos e lugares diversos.

Estruturado em três capítulos, além de introdução e conclusão, o livro é a etnografia de uma rede de relações – chamada pela autora de *effective network* –, envolvendo 14 indivíduos auto-identificados como homossexuais, com idades variando entre 28 e 32 anos, em sua maioria solteiros, católicos não praticantes e de origem mineira, tendo migrado para a Zona Sul do Rio de Janeiro a partir de 1971. Além do expressivo acompanhamento da vida diária de seus informantes, Carmen Dora contou em sua análise com mais de cinquenta horas de entrevistas gravadas, que registram biografias e vivências do cotidiano, realizadas basicamente no período entre 1973 e 1976. Numa época em que os estigmas vinculados às homossexualidades estavam dissociados da Aids e em que a luta por direitos civis para minorias sexuais era praticamente inexistente no Brasil, Guimarães propõe-se, com sua pesquisa, a “descobrir os critérios de atribuição de status e prestígio pertencentes ao sistema simbólico de classificação e hierarquização desta rede e a verificar como esta atribuição é manipulada nas relações internas de poder e na demarcação de fronteiras relacionais e dinâmicas com outros indivíduos homossexuais e heterossexuais” (p. 21). Em outras palavras, seu objetivo é focalizar o “*habitus* sexual formador da sexualidade masculina a partir dos discursos particulares” (39). Não se pode esquecer que, no período da pesquisa, a homossexualidade era definida como

\* Professor Adjunto de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

doença pela Organização Mundial de Saúde e pelo Conselho Federal de Medicina, ainda que esse fato não seja levado em consideração nas análises da autora.

Destacando que a ideologia do silêncio obscurece os debates sobre sexualidade e que a ideologia do desvio (anormalidade) marca a maior parte das reflexões sobre homossexualidade, Guimarães recorre à discussão foucaultiana da “hipótese repressiva” e explicita como as “sexualidades periféricas” colocam em xeque a “sexualidade regular”, embora esteja atenta aos riscos de uma apropriação acrítica de modelo explicativo pensado originariamente para um contexto cultural diverso do nosso, sobremaneira patriarcal e machocêntrico, em suas palavras. Pioneiramente, Guimarães enfatiza como, na ideologia determinante dos papéis sexuais do Brasil de então, prevalece o entendimento de que as relações sexuais entre homens são marcadas por uma nítida hierarquia sociossexual. O parceiro que assume o papel “ativo”, de “quem come”, mantém seu status e sua identidade social “masculina” – leia-se heterossexual –, enquanto o parceiro que assume o papel “passivo”, de “quem dá”, tem seu status e identidade desvirilizados, emasculados, sendo definido como homossexual e associado a uma visão negativa do feminino. Entre seus informantes, porém, a autora identifica que não predominaria um tal modelo, sendo valorizado um conjunto de práticas e representações mais igualitárias, que reconhece como homossexuais ambos os integrantes da relação, e não apenas o sujeito que é penetrado. Uma tal constatação antecipa o entendimento hoje prevalecente entre os homossexuais brasileiros assumidos, que, na maior parte das vezes, privilegiam relações afetivo-sexuais com homens que também se reconhecem como homossexuais, embora muitas vezes se vejam ainda envolvidos sexualmente com homens que não constroem uma identidade que reconhece a homo ou a bissexualidade como constitutivas de seu eu.

Guimarães enfatiza, por outro lado, que o processo de construção da identidade homossexual, no período infanto-adolescente, tem como ponto de partida uma acusação pública, direta ou indireta, ou uma auto-acusação, que termina sendo aceita e internalizada pelo acusado. Com

isso, sua identidade social passa a incluir, de forma determinante, um componente sexual desviante, que passa a orientar grande parte de suas interações sociais. Como point of no return na trajetória de construção da identidade homossexual, a autora destaca a busca de outros semelhantes na diferença, o que daria origem a uma pedagogia, por meio da qual ocorre a transmissão do saber/prazer homossexual. No caso dos integrantes do network, a migração para o Rio de Janeiro constitui um marco dessa busca de liberdade, anonimato e espaços sociais legítimos e exclusivos (bares, boates, saunas, lugares públicos etc.), num processo muito semelhante ao que ocorre ainda hoje, quando homossexuais de pequenas cidades migram em busca das amplas possibilidades eróticas e amorosas oferecidas pelas grandes metrópoles.

Com base em suas observações e entrevistas, Guimarães tece estimulantes reflexões sobre as possibilidades de expressão da identidade homossexual e a proibição de manifestações públicas de afeto; as relações sociossexuais estabelecidas na praia, importante local público de lazer diurno para os integrantes do network; os códigos de reconhecimento e as estratégias de passing (disfarce) perante familiares e amigos; as representações da “bicha” e do “bofe”; as relações com michês (prostitutos) e as práticas de pegação (busca de sexo ocasional); as relações sociais com pessoas do sexo feminino; a hipervalorização da juventude e o temor da velhice, e as relações homosociais de amizade, geradoras de critérios de “inclusão e exclusão”.

No tocante às relações afetivo-sexuais mais duradouras, a autora destaca que a busca por essa modalidade de relacionamento é recorrente entre seus entrevistados, ainda que poucos tenham vivido ou estejam vivendo vínculos amorosos com mais de dois anos de duração. É precioso observar, com Guimarães, que seus informantes não entendem a coabitação como sinônimo de casamento e que consideram “ridícula, doente e patológica” a dicotomização da relação em papéis masculinos e femininos. Não deixa de ser estimulante indagar o que pensariam hoje essas pessoas, quando o direito ao casamento homossexual aparece no cenário político como o grande tesouro embaixo do arco-íris.

Em última instância, o que *O homossexual* visto por entendidos proporciona a seus leitores é um olhar sobre relações de poder, intra-network e com a sociedade envolvente. Tais relações são marcadas por tentativas de alargamento das possibilidades de normalidade e de desestigmatização, com base em práticas e representações sociosexuais de um grupo de homens cujas posições de poder estavam intrinsecamente ligadas ao processo de hedonização progressiva típico das camadas médias urbanas

do Rio de Janeiro, num momento pré-Aids. Não restam dúvidas de que o trabalho de Guimarães significa uma contribuição expressiva para quem quer pensar sobre sexualidades, desejos e seus significados nos projetos de felicidade daqueles que não podem e/ou não querem se integrar à norma. Especialmente hoje, quando o pânico moral associado à intolerância religiosa ameaça as incipientes liberdades sexuais conquistadas, o resgate e a compreensão de experiências de transgressão estão na ordem do dia.